



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
BACHARELADO EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO
EM LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA (TILSP)
DISCIPLINA: TCC**

Trabalho de Conclusão de Curso

A interpretação de línguas de sinais como ação conjunta: uma análise da interação entre o intérprete de turno e o intérprete de apoio

Beatriz Bruni de Souza

São Carlos
2021

BEATRIZ BRUNI DE SOUZA

**A INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS DE SINAIS COMO AÇÃO CONJUNTA: UMA
ANÁLISE DA INTERAÇÃO ENTRE O INTÉRPRETE DE TURNO E O
INTÉRPRETE DE APOIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS / Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, para obtenção do título de bacharela em Tradução e Interpretação em Libras / Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Me. João Paulo da Silva

São Carlos
2021

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer infinitamente ao meu orientador, João Paulo da Silva, pelo interesse imediato em me orientar nessa jornada, por sempre acreditar no meu potencial, pela paciência nos meus momentos de surto e por sempre me incentivar a superar as minhas dificuldades. Não tenho palavras pra agradecer por todo seu apoio, não só neste trabalho, mas também com todas as minhas dificuldades do curso. Obrigada, de verdade!

Gostaria de agradecer também à Maria Paula, Marco e Rafael, minha família e base, por me apoiarem em todas minhas decisões e me incentivarem a correr atrás dos meus sonhos, sempre me acolhendo e me ouvindo, independente de qual fosse minha opinião, por serem meu lar mesmo estando longe. À minha avó Neyde por sempre incentivar e acreditar nos meus estudos. Tamo junto sempre, meus amô, vocês são tudo para mim!

A todos meus amigos em São Carlos e à República Mau Exemplo, que foram meu ponto de alegria mesmo quando eu estava desanimada, agradeço por todo o apoio, risadas, incentivos e amizade que vocês me proporcionaram nesses anos. Especialmente, ao Luís Henrique, que foi meu suporte emocional durante este período, sempre me ajudando a enxergar o lado positivo das coisas e por estar do meu lado mesmo nos meus piores momentos. Obrigada por ser o único que conseguia tirar os melhores sorrisos de mim quando eu estava chateada, e por todos os dias que você esteve presente na minha vida fazendo tudo parecer mais leve e divertido.

Gostaria também de agradecer à professora Fernanda Cristina Falkoski, que disponibilizou o material riquíssimo que foi analisado neste trabalho, e também às intérpretes participantes, que autorizaram o uso do material e a divulgação dos resultados nesse estudo em publicações e no texto final deste trabalho. Sem vocês, esta pesquisa não seria possível.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer à Joyce Cristina e à Juliana Osorno, que aceitaram prontamente participar da banca examinadora deste trabalho. É uma honra ter a oportunidade de receber o parecer

de pessoas tão incríveis e que têm tanto conhecimento a acrescentar a este trabalho. Obrigada!

Resumo:

Está se tornando cada vez mais comum que, em muitas situações de interpretação entre língua brasileira de sinais (libras) e português, os intérpretes não atuem sozinhos. Por várias razões, dentre as quais lidar com a carga cognitiva demandada pela atividade, muitos intérpretes têm preferido trabalhar em parceria (RID, 2007; HOZA, 2010; BRÜCK, 2011; RUSSELL, 2011; COKELY, HAWKINS, 2013, citados por NOGUEIRA, 2016). Enquanto um intérprete assume o turno (nomeado como 'intérprete do turno'), o outro intérprete serve ao que está atuando no turno como apoio, de diferentes maneiras (nomeado como 'intérprete de apoio') (NOGUEIRA, 2016; SANTIAGO, 2017). O objetivo desta pesquisa foi analisar e descrever a interação entre o 'intérprete do turno' e o 'intérprete de apoio' na interpretação linguística envolvendo libras e português. Para tanto, assumimos a tese de Herbert Clark (1996), de que o uso da língua é uma forma de ação conjunta, em que os participantes se engajam e coordenam suas ações para concretizar um projeto conjunto. Os intérpretes de libras atuam como participantes das situações em que estão interpretando e o trabalho conjunto levado a cabo por eles é o foco de interesse deste trabalho. O corpus desta pesquisa foi constituído do vídeo da interpretação de uma aula em formato não-presencial, em que dois intérpretes atuaram em parceria por meio virtual. As análises realizadas neste trabalho foram feitas a partir da transcrição do vídeo no software ELAN, que é um software de transcrição criado para análise de dados multimodais. Com este trabalho, pudemos concluir que, para descrever para a interação de forma mais ampla, é necessário que olhemos além dos processos mentais que envolvem a interação e voltemos nosso olhar para a os elementos gestuais e corporais na interação entre intérpretes de turno e de apoio.

Palavras-chave: interpretação de libras; intérprete de apoio; intérprete de turno; ação conjunta; interação.

Abstract:

It has been increasingly becoming common, in many interpreting situations between Brazilian Sign Language (Libras) and Portuguese, that the interpreters do not work by themselves. For several reasons, among which dealing with the cognitive burden demanded by the activity, many interpreters have been preferring to work in association with other interpreters (RID, 2007; HOZA, 2010; BRÜCK, 2011; RUSSELL, 2011; COKELY, HAWKINS, 2013, quoted by NOGUEIRA, 2016). While a first interpreter takes the turn (called “interpreter of the turn”), a second one assists the interpreter of the turn as a supporter in different ways (called “supporter interpreter”) (NOGUEIRA, 2016; SANTIAGO, 2017). The purpose of this investigation was to analyze and describe the interaction between the interpreter of the turn and the supporter interpreter in a linguistic interpretation involving Libras and Portuguese. For that, we assume Herbert Clark’s thesis (1996) that the language use is a form of joint action in which the participants engage and coordinate their actions so they concretize a joint project. The interpreters work as participants of the situations they are interpreting and their joint work is the focus of interest in this paper. The corpus of this research was constituted by a videotap of the interpretation of a class in virtual format, in which two interpreters worked as a team. The analysis presented in this paper were made after transcribing the video in ELAN, a transcription software created to work on multimodal data analysis. With this work, we could conclude that, to describe to the interaction in a broader way, we must look beyond the mental processes involving the interaction and observe the gestural and corporal elements in the interaction between the interpreter of the turn and the supporter interpreter.

Keywords: libras interpretation; support interpreter; shift interpreter; joint action; interaction.

Lista de Siglas

Libras - Língua Brasileira de Sinais

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

ENPE - Ensino Não Presencial Emergencial

ILSs - Intérpretes de Línguas de Sinais

ELAN - Eudico Linguistic Annotator

MU - Materiais Utilizados

MP - Materiais Parcialmente Utilizados

MN - Materiais Não Utilizados

UFPR - Universidade Federal do Paraná

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

Lista de Ilustrações

Figura 1 - Modelo saussuriano de comunicação.....	11
Figura 2 - Cenários falados e escritos.....	15
Figura 3 - O processo semiótico neopeirciano em cadeia.....	22
Figura 4 - Construção de uma nova ação por meio de transformações cumulativas desempenhadas sobre materiais criados por ações prévias de outros autores.....	23
Figura 5 - Software ELAN.....	26
Figura 6 - Gráfico de quantidade de ocorrência dos tipos de sugestão de apoio mais frequentes.....	29
Figura 7 - Exemplo de material utilizado (UFPR).....	32
Figura 8 - Mão parada à espera do olhar do intérprete de turno (glossário).....	33
Figura 9 - Realização do sinal após o olhar do intérprete de turno (glossário).....	33
Figura 10 - Sugestão de sinal referente à “margens”.....	34
Figura 11 - Sinalização sincrônica (margens).....	35
Figura 12 - Sugestão de “fiel” (muita intensidade).....	36
Figura 13 - Utilização de “fiel” escolhida pelo intérprete de turno (pouca intensidade).....	37
Figura 14 - Reuso com mudanças (síncrono).....	39
Figura 15 - Construção do intérprete de turno.....	41
Figura 16 - Sugestão de apoio para a mesma frase (não incorporado pelo intérprete de turno).....	41

Sumário

Introdução.....	9
Capítulo I - Pressuposto Teórico.....	13
1.1 A atividade de interpretação como ação conjunta.....	13
1.2 Os cenários da língua em uso.....	14
1.3 Interpretação como atividade local, situada e corporeada.....	19
1.3.1 Semiose no trabalho interacional da interpretação envolvendo dois intérpretes.....	21
1.3.2 Ação co-operativa na interpretação envolvendo dois intérpretes.....	23
Capítulo II - Metodologia.....	24
Capítulo III - Análise de dados.....	26
3.1 O cenário analisado: status dos participantes, ecologia de objetos e arquitetura interacional.....	26
3.2 Análise qualitativa das ocorrências de sugestão do intérprete de apoio.....	30
3.2.1 Materiais utilizados (MU).....	30
3.2.2 Materiais parcialmente utilizados (MP).....	35
3.2.3 Materiais não utilizados (MN).....	39
3.3 Discussão.....	42
3.4 Conclusões.....	43
Referências Bibliográficas.....	45
Anexo - Parecer consubstanciado do CEP.....	47

Introdução

A língua está presente no dia a dia de diversas maneiras em cada interação que temos com outras pessoas. Desde as interações mais corriqueiras como cumprimentar alguém com um simples bom dia, até aquelas mais complexas, como as negociações entre governantes, a língua é recrutada em nossas comunicações. Segundo Clark (1996), o uso da língua é uma forma de *ação conjunta*, do mesmo modo que tocar um dueto ou dançar uma valsa. Quando se toca piano sozinho, lê-se a partitura, dedilham-se as notas no ritmo planejado individualmente. Mas, ao tocar a mesma música em um dueto, ambos participantes dependem da ação do outro, de modo que as ações de ambos precisam ser coordenadas nos mínimos detalhes (como ajuste da velocidade que vão tocar, intensidade do som etc.) para que o dueto aconteça efetivamente.

Para Clark (1996), o mesmo acontece com a língua em uso: ao começar uma conversa, por exemplo, o falante depende que o seu interlocutor preste atenção ao que está sendo dito, reconheça os elementos que compõe a sua fala, identifique os significados que se pretende associar a esses elementos e reconheça o seu propósito comunicativo. Além disso, o interlocutor precisa dar pistas ao falante, por meio de ações perceptíveis, de que está realizando esses processos, ou seja, de que está acompanhando o que está sendo dito e entendendo o que o outro pretende dizer. O uso da língua envolve, então, as ações conjuntas e monitoradas de ambos os participantes. Se todas as situações de uso da língua envolvem a coordenação de ação dos participantes, as situações de interpretação entre línguas diferentes não seriam uma exceção: os intérpretes de libras, como participantes das situações em que estão interpretando, precisam se engajar com os outros participantes da interação (normalmente surdos e ouvintes) para tornar comunicação possível entre eles e, no caso de estarem trabalhando em dois ou mais intérpretes ao mesmo tempo, engajar-se entre si, para que a boa qualidade do trabalho seja garantida. O engajamento dos intérpretes entre si e o trabalho conjunto levado a cabo por eles é o foco de interesse deste trabalho.¹ Mais

¹ O trabalho em equipes de interpretação, bem como a interação entre intérprete de turno e intérprete de apoio só recentemente começou a ser objeto de estudo de pesquisadores na área dos estudos da interpretação (RID, 2007; HOZA, 2010; BRÜCK, 2011; RUSSELL, 2011; COKELY, HAWKINS, 2013, citados por NOGUEIRA, 2016; SANTIAGO, 2017). No cenário brasileiro, destaca-se a dissertação de Nogueira sobre a interação dos intérpretes no contexto de conferências.

especificamente, pretende-se explicitar, por meio da observação empírica de uma situação de interpretação específica, como os intérpretes coordenam as suas ações, de modo a realizar o trabalho em que se engajam enquanto estão atuando conjuntamente.

Este estudo se justifica na medida em que são poucos os estudos que analisam a interação entre o intérprete de turno e intérprete de apoio e descrevem as estratégias empregadas por eles durante a ação conjunta da interpretação em línguas de sinais. Por esse motivo, nesta pesquisa, me propus a fazer um estudo descritivo, de natureza empírica, a fim de explicitar mecanismos que regulam a interação entre os intérpretes em atuação. Sendo assim, neste trabalho busca-se dar alguns passos na descrição dessa relação entre intérpretes, observando uma *situação em formato não presencial* entre intérprete de turno e intérprete de apoio durante o exercício da interpretação de português para libras. Nessa análise, procuraremos explicitar como acontece a interação entre os dois durante a interpretação, de forma que ambos consigam levar a cabo o projeto conjunto de interpretar o conteúdo de uma aula de nível superior.

Atualmente, observa-se que a maior parte dos estudos linguísticos relacionados ao uso da língua são influenciados pelas principais teorias ortodoxas, especialmente aquelas que entendem a língua como um objeto mental, como é o caso dos conceitos de língua - resguardadas as devidas especificidades de cada um dos autores - propostos por Saussure, por exemplo. Em um exemplo em que ilustra o funcionamento do circuito de fala, Saussure (1916) sugere que os signos por si só são capazes de construir todo o conteúdo conceitual que o falante A tem em mente, depositando neles os significados apropriados, que, por sua vez serão decodificados pelo falante B. A comunicação, desse modo, fica reduzida a codificação e decodificação de símbolos linguísticos convencionais.



Figura 1 - Modelo saussuriano de comunicação (extraído de Saussure 2006 [1916], p. 19)

Apesar de receber críticas, essa ideia de Saussure costuma ser amplamente aceita na linguística. Nesse esquema tem-se a linguagem como um fenômeno individual, de mentes isoladas. A comunicação, portanto, seria uma estratégia de superar o encapsulamento de mentes individuais, de modo a fazer com que as ideias de um indivíduo se tornem manifestas a outros. O que essa forma de enxergar a língua coloca em evidência é a linguagem como fenômeno individual, deixando de considerar o seu aspecto sempre interacional, isto é, uma forma de ação conjunta em que as pessoas se engajam para construir ação e significado. Saussure se volta, a partir daí, para a *língua*, isto é, o sistema de signos depositado na mente do falante, sem se importar muito com a fala e com os outros elementos que a acompanham, como, por exemplo, expressões faciais, entonação e conhecimentos em comum que os indivíduos partilham da interação que compartilham.

Observando esse modelo de comunicação, podemos perceber que a grande parte das teorias de tradução e interpretação tomam por base normalmente uma concepção de língua como um conhecimento mental: tal como no modelo acima, é comum conceitualizar o processo de tradução/interpretação como uma transferência de conteúdos entre mentes descorporeadas e o intérprete como um condutor de conteúdo entre as mentes (DE PEDRO, 2009, citado por RABADÁN-GÓMEZ, 2016, p. 75).² Portanto, nos modelos apresentados sobre essa noção de língua, a

² A citação a que nos referimos é a seguinte: "It is well-known that the (in)visibility of translators and interpreters became a focus of scholarly work in the fields in the latter part of the 20th century; however, it is important to underscore the importance of examining translation and interpreting in the public services as mediated communication, and to leave aside notions that translators and

atividade de interpretação é entendida como uma troca de expressões linguísticas, mediada pelo intérprete, que é neutralizado, praticamente apagado da situação, como se não importasse a sua presença física, corpórea, e suas ações, mas somente o conteúdo do discurso que ele produz, como sendo um conduíte entre mentes de pessoas que não falam a mesma língua. Esse modelo dá pouca importância para as ações que são realizadas na interação, ignorando a significação que elas podem elaborar.

Neste trabalho, a expectativa é a de que essa mudança de perspectiva (olhar não somente para os processos mentais da comunicação, mas também para os interacionais) nos ajude a enxergar na interação entre o intérprete de turno e o intérprete de apoio durante o ato da interpretação elementos de significação ainda pouco descritos. Pretendemos então, observar a relação entre os dois profissionais, como as ações são co-construídas, e analisar como o intérprete de turno aproveita o material que lhe é disponibilizado pelo intérprete de apoio. A mudança de concepção de língua como produto depositado na mente dos indivíduos para o entendimento de língua como ação, sempre situada em contextos específicos, nos leva a uma nova compreensão da atividade de interpretação, bem diferente do que algumas vezes é dito neste campo sobre a atividade, sobre o processo e, inclusive, sobre a figura do intérprete no contexto comunicativo. Deixando de lado a ação dos intérpretes, alguns trabalhos tendem a invisibilizar esse agente da interação, tomando-o como um mero canal de transmissão de mensagens descorporeadas (De Pedro's, 2009).

A abordagem proposta para a realização deste trabalho é qualitativa. Será analisada uma situação específica de interpretação de português para libras. Para a análise, utilizaremos uma transcrição feita no software ELAN dos vídeos que registram a interação entre o intérprete de turno e o intérprete de apoio. Nesse software, pode-se sincronizar os vídeos (até quatro vídeos simultaneamente) com trilhas criadas para anotação de dados.

No caso da interpretação português/libras, utilizamos um material gravado através do *Google Meet* de uma aula ministrada no formato ENPE (ensino

interpreters are neutral conduits, since their interactions play a crucial role in the communicative event 2009 (De Pedro's, 2009).”

não-presencial emergencial). A gravação foi feita a partir de aparelhos eletrônicos pessoais de cada participante da interação. Nessa interação, contamos com a participação do professor que ministrou a aula *online* e de dois intérpretes profissionais, com a devida autorização para o uso de sua imagem em sua atuação. O material, inclusive, que não havia sido gravado para esta pesquisa, mas como parte das atividades corriqueiras da disciplina, nos foi disponibilizado pela própria docente da disciplina, depois da sugestão da equipe de intérpretes para que analisássemos esse material. O seu uso, então, não havia sido previsto no início da pesquisa, mas se tornou necessário por causa da impossibilidade de coletar material presencialmente, como previsto no projeto inicial, por causa do isolamento social motivado pela pandemia do Covid-19.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro, apresentaremos os pressupostos teóricos que foram utilizados para a realização da análise proposta neste trabalho, assim como sua possível aplicação no campo da interpretação de libras. No segundo, apresentaremos a metodologia utilizada. No terceiro capítulo, apresentaremos a análise dos dados, e de que modo os conceitos apresentados anteriormente se mostram úteis para a análise do corpus que coletamos. Por fim, concluiremos este trabalho apresentando os resultados e algumas reflexões que esta pesquisa nos proporcionou.

Capítulo 1 - Pressupostos Teóricos

1.1 A atividade de interpretação como ação conjunta

Para Clark (1996), a língua em uso não pode ser vista como um processo onde falantes e ouvintes agem individualmente: ela é a forma de ação conjunta que emerge quando falantes e ouvintes coordenam suas ações. Clark observa que, tradicionalmente, a língua em uso é estudada apenas como um processo totalmente individual, ou em outros casos, unicamente como um processo inteiramente social, porém o autor sugere que a língua em uso pertence a ambos, não se podendo esperar entendê-lo sem olhar para as ações conjuntas como emergentes da coordenação de ações dos indivíduos. Vale reforçar que, este trabalho parte desta

perspectiva teórica para discutir uma forma específica de uso da língua que são as situações em que a interação acontece com a intervenção de um intérprete de libras, que serve como mediador na situação comunicativa. Mais especificamente, esta pesquisa se volta para a interação entre dois intérpretes, de turno e de apoio, atuando conjuntamente na elaboração do discurso interpretado.

Uma vez que as situações comunicativas são muito diversas, cada uma delas sendo estruturada de acordo com regras e procedimentos específicos, iniciamos esta discussão tratando da organização das diferentes situações comunicativas, ou, nas palavras de Clark, dos diferentes cenários (*settings*) de uso da língua. De acordo com o autor, um cenário se organiza em torno de uma cena (onde o uso da língua acontece) e de um meio (se a língua é falada, escrita ou sinalizada, por exemplo). Como a língua é uma forma de ação conjunta, a análise precisa levar em consideração como as pessoas (participantes da interação) coordenam suas ações nos diferentes cenários, tendo em vista a satisfazer, ao menos parcialmente, alguns dos objetivos que fazem parte do projeto conjunto em curso.

Inicialmente, começamos este capítulo apresentando alguns cenários de uso da língua e quem são os participantes da interação. Depois, vamos discutir os conceitos de tradução e interpretação, que, à luz da classificação proposta por Clark, podem ser entendidos como relacionados ao cenário 'mediado' de uso da língua (será explicado no próximo subcapítulo). Sendo assim, o objetivo deste capítulo é discutir algumas das características do cenário mediado, especialmente em situação em que mais de um intérprete está atuando (intérprete de turno juntamente com intérprete de apoio).

1.2 Os cenários da língua em uso

Clark apresenta as diversas formas de uso da língua: falada, sinalizada, escrita, que participam dos mais diferentes cenários, como ilustra a tabela a seguir (Tabela 1).

	Cenários falados	Cenários escritos
Pessoal	A conversa face-a-face com B	A escreve uma carta para B
Não-pessoal	Professor A dá aula para estudantes na classe B	Repórter A escreve um artigo para leitores B
Institucional	Advogado A interroga testemunha B no tribunal	Gerente A escreve correspondência comercial para cliente B
Prescritivo	Noivo A fala seus votos para noiva B na frente das testemunhas	A assina documentos oficiais para B em frente ao tabelião
Ficcional	A apresenta uma peça para audiência B	Escritor A escreve um romance para leitores B
Mediado	C interpreta para B o que A está falando para B	C traduz o livro escrito por A para leitores B
Privado	A fala consigo mesmo sobre planos	A escreve bilhete para ele mesmo sobre planos

Figura 2 - Cenários falados e escritos (adaptado de Clark 1996 [1996], p. 08)

Segundo Charles Fillmore (1981 p.152 citado por CLARK, 1996, p.08), a conversação face-a-face é o uso básico e primário da língua. Todas as outras formas são e podem ser descritas a partir dela, ou seja, a partir da análise do quão diferentes são desse cenário primário, distanciando-se dele. O autor argumenta que a conversação face a face é a forma mais básica porque em todas as sociedades humanas as pessoas conversam, sem exceção. Já a escrita da língua não é comum a todas as sociedades humanas. Até mesmo os cenários falados que incluem tecnologias como rádio, telefone, televisão, etc., podem ser excluídos, pois eles também não são universais. Além disso, conversas face a face não exigem nenhuma habilidade específica; elas são empreendidas inclusive por crianças, que passam pelo período de aquisição de linguagem logo no início de suas vidas, anos antes de aprenderem outras formas de comunicação.

Para compreender melhor a conversação face a face e as características que a tornam uma forma básica de uso da língua, Clark apresenta três grupos de características principais: imediatismo, meio e controle. A co-presença dos participantes no mesmo ambiente físico, com a possibilidade de ambos os participantes de interação poderem se ver e se ouvir claramente e perceberem as

ações um do outro sem atraso são as características do imediatismo que distingue a conversas face a face de outras formas de interação. Por causa da co-presença, os participantes da interação podem coordenar suas ações temporalmente com o outro, construindo a conversa momento a momento, turno a turno da conversação. O *meio* em que a conversa acontece também tem influência sobre a produção, pois, o fato de a conversa normalmente não ser gravada confere a ela certa espontaneidade. Por fim, o *controle* diz respeito ao fato de os participantes poderem formular e executar suas ações em tempo real, determinando como eles mesmos e por eles mesmos quais ações tomar e quando (por oposição, por exemplo, a uma situação ficcional, como a de um ator numa peça de teatro, em que as suas ações representam as ações de outra pessoa).

Conforme uma determinada forma de uso da língua vai se distanciando desses três aspectos, ela vai se distanciando também do uso básico da língua, pois quanto menos controle os participantes têm da formulação, da temporização imediata e do propósito de suas ações, mais técnicas especializadas são necessárias para manter uma determinada interação. Clark menciona algumas delas, listadas na tabela acima. No caso da análise proposta neste trabalho, trataremos do cenário de interação *mediado*.³ Esse tipo de interação é relativamente complexa, pois, além de envolver mais pessoas (quanto mais pessoas participam da interação, mais complexa ela tende a ficar), o tipo de papel assumido pelo intérprete nessa situação comunicacional difere daquele assumido pelos outros agentes da comunicação, como será discutido mais adiante. Uma outra característica desse cenário é o de que ele pode participar de todos os outros listados. Por exemplo, pensemos no tipo de mediação específica que é o objeto de estudo deste trabalho: a mediação realizada pelo intérprete de libras. O intérprete de libras é o profissional responsável por mediar a interação entre pessoas ouvintes e surdas, envolvendo libras e português, nos encontros comunicativos entre essas pessoas. Os cenários em que essas interações podem acontecer são os mais diversos: pode ser uma

³ Em sua dissertação de mestrado, Nogueira (2016) analisa a atuação do intérprete no cenário que aqui estamos chamando de *mediado*. Ele descreve uma situação de interpretação na qual três intérpretes, alternando entre turno e apoio, atuam em um contexto de conferência. Como dissemos anteriormente, os cenários não são categorias rígidas: além do cenário mediado em que o intérprete atua, a situação também acontece no cenário não-pessoal, nesse caso, uma sala de aula. No presente trabalho, além do cenário mediado, pode-se também identificar os cenários institucional ou não pessoal, onde foi analisada uma situação de interação em ambiente virtual, em que uma aula aconteceu em formato ENPE devido ao isolamento social decorrente da pandemia em 2020, período em que este trabalho foi desenvolvido.

conversa pessoal, uma aula nos diferentes níveis de ensino, uma audiência em um fórum, uma peça de teatro, ou qualquer outra listada na tabela, ou ainda outras não previstas nela. Para isso, o intérprete precisa se dar conta das características que gerem a interação em cada um dos contextos e tomar lugar na interação se adequando às normas interacionais e/ou institucionais do cenário em questão. No caso de haver dois intérpretes atuando, a coordenação das ações também vai se alterar. Para entender isso, discutimos o papel que os participantes assumem em uma determinada interação.

Os participantes de uma interação podem ser outras pessoas, que não somente o locutor e o interlocutor. Clark apresenta um exemplo hipotético a partir do qual explicita os participantes da interação, onde as pessoas A, B e C estão conversando em uma rua e A pergunta para B “Você viu meu cachorro correr por aqui?”. Apesar de A estar se dirigindo à B, a pessoa C também pode tomar parte na interação: ela é considerada participante secundária (*side participant*). A, B e C são todos os participantes dessa interação. Poderia também haver outras pessoas ouvindo casualmente o que a pessoa A está dizendo, mas que não têm nenhum direito ou responsabilidade de participar da interação. Dentre eles, tem os espectadores (*bystanders*), que são as pessoas que estão abertamente presentes, porém não são parte da interação e os bisbilhoteiros (*eavesdroppers*), que são as pessoas que escutaram o que foi dito sem a consciência do falante (Clark, 1996). Esses enquadres de participação (Goffman 1976, 1981) podem se alterar ao longo da interação, à medida que as pessoas reivindicam participação na interação ou abrem mão de participar dela, ou por outras razões que se apresentem no curso da interação.

O papel dos intérpretes na interação é singular, na medida em que o seu papel parece oscilar entre participante primário e secundário em uma comunicação: se, por um lado, ele é aquele que enuncia e é responsável pelo discurso que elabora a partir do discurso original, sabe-se que o conteúdo daquele discurso não é propriamente de sua autoria, mas é baseado, por uma relação de iconicidade,⁴ em outro discurso, tido como original. Ao mesmo tempo, ele tem responsabilidade não só na tradução de conteúdos entre línguas, propriamente dita, mas também no

⁴ Referente a propriedade da representação de semelhança ao discurso original, onde quanto maior o grau de iconicidade, maior a semelhança.

gerenciamento da interação (WADENSJÖ, 1992).⁵ Naturalmente, em algumas situações de interação, o gerenciamento promovido pelo intérprete se coloca em mais evidências do que outras. Se compararmos uma conversa face a face, em que há livre troca de turnos, e uma palestra em uma conferência, em que é esperado que a plateia se manifeste verbalmente apenas em momentos específicos, é de se esperar que a tarefa de gerir a interação seja mais intensa na primeira situação (a começar por prever momentos de tomada de turno de fala e organizar estratégias para tomar o turno quando um dos falantes se manifesta) do que na segunda situação. Quando pensamos na interação entre dois intérpretes (o intérprete de turno e o intérprete de apoio), a situação se torna ainda um pouco diferente: nesse caso, trata-se de dois participantes atuando juntos, cooperativamente, para construção de um discurso satisfatório, sendo que um deles assume um papel primário na produção e o outro, um papel secundário, dependendo, em algum nível, do conhecimento compartilhado que eles têm entre si.

Para tratar dos diferentes enquadres de participação que o intérprete pode assumir em uma interação, Davitti e Pasquandrea (2016, p. 106), olhando para as interações mediada por intérpretes de línguas orais, lançam mão do conceito de *participação corporeada*, a partir do conceito de enquadre de participação de Goffman (1981). Os autores argumentam que a formação multimodal da 'ecologia de ação', pode levar a diferentes quadros de participação, que podem passar despercebidos em uma análise que leva em consideração apenas recursos verbais. Assim, referindo-se aos acontecimentos como sendo co-construídos e negociados localmente, eles afirmam que a participação dos interagentes pode ser moldada de diversas formas e empregando uma ampla variedade de recursos semióticos, como por exemplo, o olhar, gestos, postura, orientação corporal e espacial e manipulação de objetos, com fim de olhar a comunicação como um evento holístico.

Quando ao nível de conhecimento compartilhado entre os intérpretes, o gerenciamento da comunicação entre indivíduos depende diretamente do *terreno comum* (*common ground*) que eles têm entre si. Clark (1996, p.92) ressalta as palavras da língua e gestos feitos por várias partes do corpo durante a interação, por si só, não são suficientes para garantir o entendimento mútuo: eles precisam

⁵ Em seu artigo "Interpretação como Interação, Nos diálogos-interpretações em audiências de imigração e encontros médicos" (tradução livre feita por mim), Wadensjö (1992) propõe uma discussão sobre o papel do intérprete na interação para além de conferências.

recorrer a um terreno comum de conhecimento compartilhado (*common ground*) construído na interação ou acumulado ao longo de outras interações. Por exemplo, na situação comunicativa citada anteriormente, em que uma pessoa A pergunta à pessoa B: “você viu meu cachorro correr por aqui?”. Para a pessoa B conhecer as palavras usadas, não é suficiente para que ela entenda o que a pessoa A quer dizer. Ela precisa se coordenar com a pessoa B para entender o seu propósito ao fazer essa pergunta. As palavras usadas por A, primeiramente, são parte do seu terreno comum, como falantes da língua. Mas além de reconhecer o significado convencional das palavras, a pessoa B precisa consultar o terreno comum da situação imediata e perceber para onde a pessoa A está olhando, para onde está apontando, notar que ela está vasculhando o ambiente como o olhar, para, só então, reconhecer o referente “meu cachorro” como sendo associado a A. Nesse sentido, o terreno comum é fundamental para construção do entendimento mútuo, ou seja, o terreno comum de duas pessoas é a soma de suposições, crenças e conhecimento comum e mútuo que ambas compartilham.

A partir do que foi introduzido anteriormente, podemos ressaltar que o objetivo da análise deste trabalho é observar como acontece o processo de ação conjunta, não apenas dos participantes primários da interação, mas principalmente na participação dos intérpretes de libras na interação (tanto o de turno quanto o de apoio), e como todos eles constroem juntos a ação através do terreno comum entre eles. A partir dessa perspectiva, discutiremos a seguir o conceito que temos de interpretação, para delinear de que ponto de vista dos conceitos a análise desta pesquisa se apresenta.

1.3 Interpretação como atividade local, situada e corporeada

Neste trabalho, entendemos a atividade de interpretação como sendo um tipo de interação comunicativa que envolve comunicação face-a-face imediata ou mediada por tecnologia de captação de voz e vídeo, em uma temporalidade síncrona. Esse tipo de atividade exige do intérprete não só criar um discurso na segunda língua que seja compatível com o que está sendo dito na primeira língua, mas também gerir a interação que se desenvolve no tempo imediato. Sendo assim, as ações precisam ser tomadas localmente, momento a momento, onde cada ação

dos participantes tem consequências na ação seguinte e, por extensão, em toda a atividade interacional. Na interpretação, o profissional tem potencialmente uma única possibilidade de entender todo o conteúdo que está sendo dito e, portanto, uma única possibilidade de ter uma visão geral do contexto e do que o autor quer dizer e coordenar a interação (WADENSJÖ, 1995, p. 112-113).

Sendo assim, podemos observar que a interpretação é uma forma de língua em uso bastante complexa, pois, envolve uma interação mediada em tempo real que visa exigir que todos os participantes da interação (tanto o locutor e interlocutor como os intérpretes que mediam a situação participativamente) ajam conjuntamente para construir sentido, coordenando suas ações temporalmente, em alto nível de complexidade interacional.

Para nossa análise, além de olhar o intérprete como participante da interação, que constrói ação conjunta com os outros participantes, também deve-se observar que as interações vão muito além do que é dito verbalmente, envolvendo também uma complexa relação entre diferentes recursos semióticos, que vão conduzir a maior ou menor a inclusão e coordenação entre os participantes. Sendo assim, é importante observar que a participação também pode ocorrer quando um dos participantes está em silêncio ou não participando aparentemente da interação que está acontecendo.

Além disso, a presença de objetos também pode influenciar na interação, como por exemplo quando um palestrante faz referência a algo que está sendo mostrado na projeção de uma tela para exemplificar um ponto, esse objeto físico (a tela projetada) se torna parte da interação. Nesse sentido, ele pode participar e alterar o rumo da interação, pois o intérprete precisará se posicionar em direção àquilo que está projetado e utilizar apontamentos para que o que está sendo dito pelo palestrante faça sentido. O terreno comum (*common ground*) entre os participantes também pode emergir e mudar a interação. Se os intérpretes presentes na interação já tiverem trabalhado juntos e esse primeiro trabalho tiver sido bem sucedido, por exemplo, a ação realizada entre eles é favorecida pelo histórico de interação que eles já compartilham. Desse modo, eles podem interagir reconhecendo mais aspectos que o outro eventualmente pode precisar para ajudá-lo na construção do diálogo. Para essa construção acontecer, o locutor cria uma expectativa de interação que vai ser correspondida (satisfatoriamente ou não) pelo interlocutor, que produzirá a continuidade da interação.

1.3.1 Semiose no trabalho interacional da interpretação envolvendo dois intérpretes

Dissemos ao início deste trabalho que o objetivo deste era o de analisar a interação entre o intérprete de turno e o intérprete de apoio no trabalho conjunto de construir uma interpretação em determinado cenário. Como esperamos que tenha ficado claro até aqui, a perspectiva assumida é aquela que vê a língua como uma forma de ação situada, conjunta e fundamentalmente corporeada. Dissemos também que um modelo de signo como o saussuriano, que vê o significado como uma interna ao signo, dentro de um sistema depositado na cabeça das pessoas, não pode ir muito longe na explicação de como as pessoas trabalham juntas na construção local de significação. Por isso, lançamos mão, neste trabalho, de um modelo de signo mais aberto à dinâmica da interação e à sua natureza corporeada de que tratamos até aqui.

Para tanto, lançamos mão de um modelo sígnico de base neopeirceana, que é apresentado por McCleary e Viotti (2017), em uma discussão sobre os fundamentos de uma semiótica de corpos em ação. Nas palavras dos autores

Basta alguma postura ou movimento corporal ser motivo de interpretação por algum participante em uma interação e esses gestos (...) se tornam gestos semióticos. (...) a semiose é um processo que acontece toda vez que alguém interpreta alguma ação como signo. (MCCLEARY; VIOTTI, 2017, p. 176)

A figura a seguir ilustra um esquema de como se dá o processo semiótico de que falam os autores.

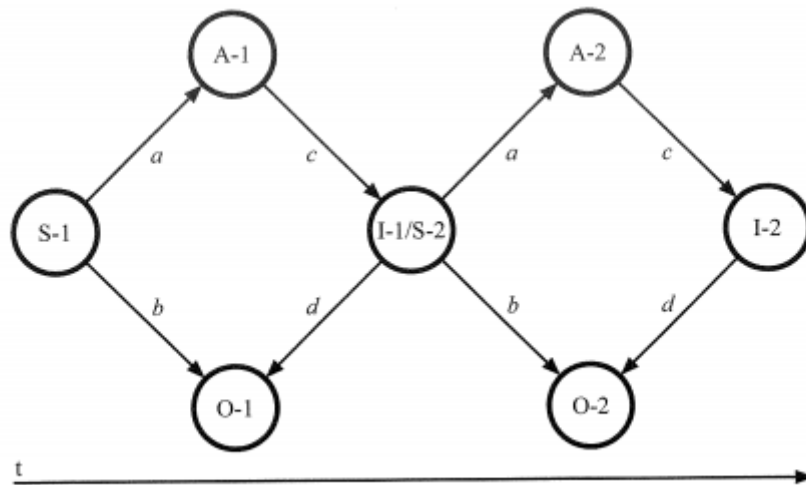


Figura 3 - O processo semiótico neopeiriano em cadeia (retirado de McCleary e Viotti 2017 [2017], p. 187)

Na imagem, a letra A representa um *agente*, a letra S representa um *signo*, a letra O, representa um *objeto* e a letra I o *interpretante*. Na semiótica peirceana, o signo pode ser qualquer coisa (não precisa ser um elemento verbal) que, representando um objeto, seja interpretado por alguém como sendo um signo. No processo semiótico, esse signo conclui o seu caminho semiótico quando gera um interpretante (i.e. uma reação do agente) a esse primeiro signo. Para exemplificar, pensemos na interação entre intérprete de turno e o intérprete de apoio. Se durante uma interação, o agente 1 (nesse caso o intérprete de turno) *olha* para o intérprete de apoio em um momento em que claramente lhe falta recurso para realizar a interpretação, esse olhar pode ser interpretado pelo agente 2 como sendo um pedido de ajuda. Se isso acontece, esse olhar é um signo para o intérprete de turno (agente 1) que remete a um objeto (um pedido de ajuda). A reação do intérprete de apoio (agente 2) a esse signo (o olhar do intérprete de turno) é um interpretante desse primeiro signo. A reação do intérprete de apoio pode ser a de sugerir um sinal de que o intérprete de turno está precisando. Essa ação é um interpretante em relação ao primeiro signo e é para o outro intérprete (agente 1) um novo signo (que vai gerar um novo interpretante e assim por diante).

Esse processo pode acontecer também de forma mais complexa, onde vários fatores são levados em conta além do olhar pedindo ajuda, como a expressão facial e a postura do corpo, que vão se somar e todos juntos vão ser signos que vão significar alguma coisa para o intérprete de apoio. Por exemplo, ao intérprete de

turno fazer essas três ações ao mesmo tempo (olhar, expressão facial e postura corporal) são três signos diferentes que vão juntos formar um objeto que poderá gerar um ou mais interpretantes para o apoio, onde além de ele entender o pedido de ajuda, pode interpretar esses sinais de diversas outras formas dependendo da situação, da interação e do terreno comum compartilhado entre os intérpretes. Os autores dizem que

(...) o fluxo sógnico não é linear; é multidimensional: ao mesmo tempo, o falante que emite uma palavra emite signos por meio de seu jeito de pronunciar e entoar a palavra; emite signos pelo movimento de seus olhos; emite signos pelos movimentos do corpo, da cabeça, das mãos; emite signos pelas dezenas de micromovimentos da face. E cada um desses signos individualmente, ou em inúmeras combinações de uns com os outros, podem estar, a cada momento, gerando múltiplos interpretantes: respostas em formas de expressões faciais, movimentos do corpo, ações, vocalizações e verbalizações. (MCCLEARY; VIOTTI, 2017, p.188)

1.3.2 Ação co-operativa⁶ na interpretação envolvendo dois intérpretes

Outro conceito importante para esta pesquisa é o conceito de *ação co-operativa* (GOODWIN, 2018). A noção de ação co-operativa está firmada na noção de que as pessoas não constroem suas ações do zero, mas realizando operações sistemáticas nos materiais deixados pelas ações de outros. Para ilustrar esse fenômeno, Goodwin apresenta um exemplo de ação co-operativa na interação entre duas crianças (Tony e Chopper), que se envolvem em uma disputa entre elas.

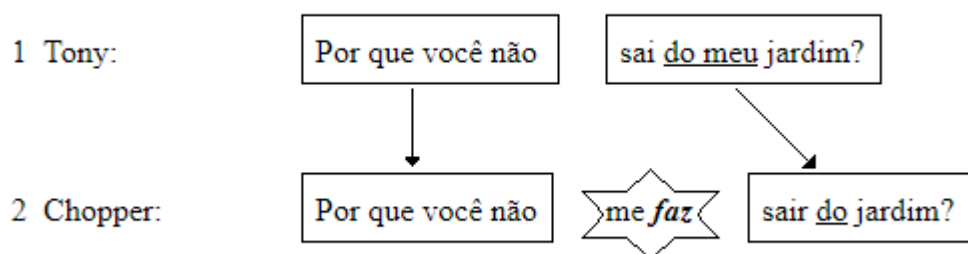


Figura 4 - Construção de uma nova ação por meio de transformações cumulativas

⁶ Não estamos considerando que ação co-operativa seja igual a ação conjunta. Como eles se distinguem é um tema amplo e complexo que necessita ser investigado em trabalhos futuros.

desempenhadas sobre materiais criados por ações prévias de outros autores (retirado de Goodwin [2018], p.04)

Nesse diálogo, pode-se observar que eles precisam trabalhar juntos na medida em que Chopper constrói uma nova ação, não do zero, mas por meio de reuso com transformações: ele faz uma decomposição das partes que compõem o enunciado de Tony e insere um elemento novo, que não estava presente no enunciado original. O estudo da ação co-operativa apresenta uma nova perspectiva na gama de fenômenos relevantes para a interação e a linguagem humana, pois nos possibilita ver como as pessoas trabalham conjuntamente para construir ação e significado em interação local. Ao construir nossas próprias ações reutilizando recursos usados por outros, nós habitamos as suas ações, criando novas ações e posições.

Ao início de pesquisa, trabalhamos com a hipótese de que as ações co-operativas estivessem sendo empregadas na interação entre intérpretes, visto que o intérprete de turno muitas vezes precisa de ajuda do intérprete de apoio e, quando recebe materiais fornecidos pela ação dele, trabalha com base no que o intérprete de apoio está criando, construindo um enunciado que constitui suas próprias escolhas juntamente com a reutilização dos materiais fornecidos pelo intérprete de apoio para auxiliá-lo durante a interpretação. Nas análises realizadas mais adiante, será possível observar ocorrências desse tipo acontecendo.

Capítulo II - Metodologia

Para se compreender o processo de análise realizado neste trabalho, este capítulo irá apresentar como foi realizado o desenvolvimento e coleta de dados que possibilitaram e embasaram a análise da pesquisa.

Primeiramente, foi feito um levantamento de pesquisas (dentre elas, artigos científicos, dissertações e teses) e livros publicados que pudessem embasar teoricamente a análise, para que fosse possível observar a interação entre intérprete de turno e intérprete de apoio em toda sua complexidade e riqueza linguística e cognitiva.

Depois, para que pudéssemos analisar a interação entre intérpretes, foram utilizadas gravações de aulas síncronas⁷, ministradas no módulo ENPE devido ao isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19 no ano de 2020. A gravação das aulas nesse módulo de ensino não-presencial é necessária devido à necessidade de ter o material disponível para futuro acesso de alunos que não conseguissem participar sincronicamente. É importante ressaltar, que as gravações não foram feitas com o fim específico de serem objeto de análise nesta pesquisa, mas sim para disponibilização posterior para os alunos da disciplina. Sendo assim, a interação entre os intérpretes no vídeo analisado é semi espontânea (apesar de ser da ciência dos profissionais que a atuação estava sendo gravada), no momento da gravação os intérpretes não tinham conhecimento de que o material seria submetido a análise nesta pesquisa. Somente depois da aula gravada que o material foi solicitado e disponibilizado para ser utilizado neste trabalho.

A gravação foi feita através de duas salas do Google Meet: na primeira estava o professor da disciplina ministrando a aula oralmente e na segunda estavam os dois intérpretes participantes, em diferentes câmeras. Todos os alunos e os intérpretes tinham acesso à primeira sala onde estava sendo ministrada a aula, mas apenas os alunos surdos tinham acesso também à sala dos intérpretes, podendo acompanhar a aula por ambas as salas.

Para a análise, foi utilizado o software ELAN (EUDICO Linguistic Annotator) para transcrição e organização dos dados. O programa foi escolhido por permitir trabalhar com mais de um vídeo simultaneamente, com possibilidade de controlar o *timing* e sincronizá-los, além da possibilidade de criar diversas trilhas, cada uma com título e especificação diferente para facilitar e otimizar a organização dos dados da análise.

Para a análise do atual trabalho, foram adicionadas duas gravações para serem analisadas sincronicamente: a primeira gravação era da aula oral, onde podíamos observar o professor e a apresentação de slides que ele estava exibindo para a classe; a segunda mostrava uma tela contendo dois vídeos, cada um mostrando um intérprete gravado por uma câmera diferente. Chamamos essa tela

⁷ Esse termo se refere à modalidade de aula no Ensino Não Presencial Emergencial (ENPE) em que o professor se encontra com os alunos em tempo real por meio de plataformas digitais como o *Google Meet*, por exemplo.

de “sala de intérpretes”, onde em cada vídeo atuava um intérprete - um como intérprete de turno e outro como intérprete de apoio, com revezamento de função a cada trinta minutos - fazendo simultaneamente a interpretação para a libras. Sendo assim, podíamos observar ao mesmo tempo tanto a aula oral sendo ministrada pelo professor quanto a interação entre os intérpretes de turno e de apoio. Em posse desses vídeos e da autorização dos participantes para o uso nesta pesquisa, inserimos os vídeos no ELAN para transcrição de todos os momentos em que o intérprete de apoio fazia uma sugestão. A imagem a seguir ilustra a tela do programa, com os vídeos inseridos e algumas anotações feitas nas trilhas.

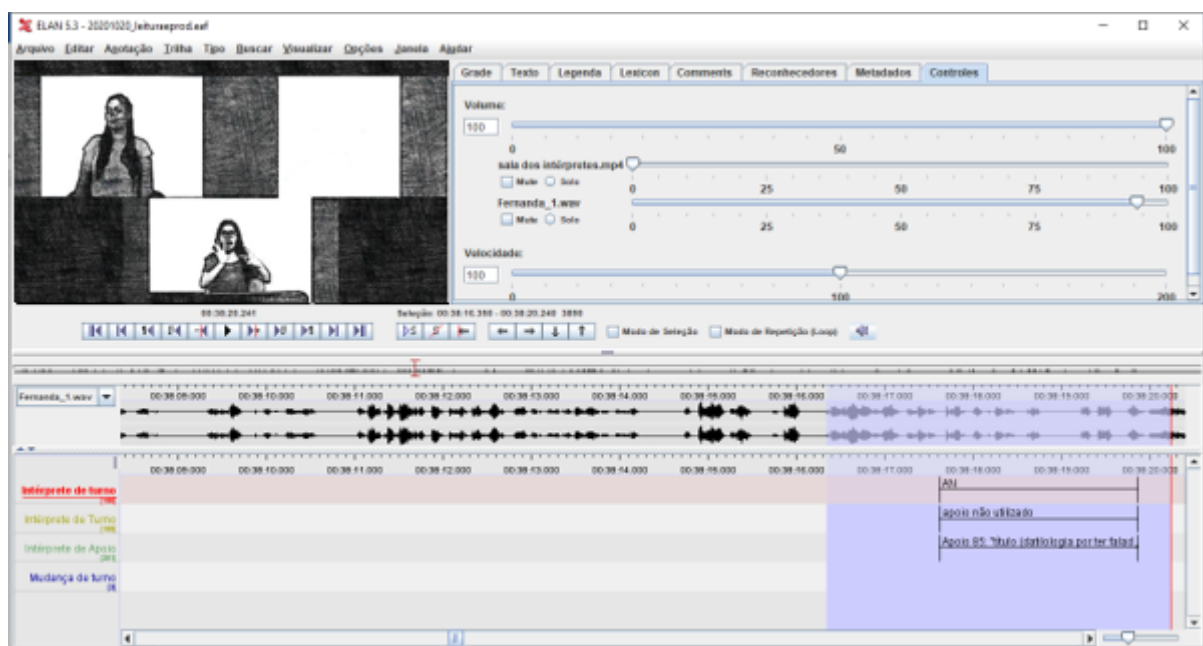


Figura 5 - Software ELAN

Após as gravações estarem sincronizadas, foram criadas duas trilhas principais: “Intérprete de apoio” e “Intérprete de turno”, onde foi marcado respectivamente todos os momentos em que o intérprete de apoio fez alguma sugestão, e como o intérprete de turno reagiu diante à sugestão, por exemplo, se houve um pedido de ajuda e como ele foi feito ou se foi uma sugestão espontânea.

Capítulo III - Análise de dados

3.1 O cenário analisado: status dos participantes, ecologia de objetos e arquitetura interacional

Na literatura sobre interpretação que temos atualmente, muito se discute o papel e as responsabilidades do intérprete com foco no intérprete de turno, mas pouco se olha para o intérprete de apoio. Com a análise deste trabalho, gostaríamos de propor uma reflexão: qual a influência do intérprete de apoio na construção conjunta com o intérprete de turno?

Ao olharmos para a atuação do intérprete de turno, temos que levar em consideração também a influência do trabalho do intérprete de apoio nas escolhas do intérprete de turno, pois os dois profissionais são participantes da situação interacional, de modo que as contribuições do intérprete de apoio podem influenciar as escolhas do intérprete de turno na elaboração de um discurso. Sendo assim, partimos da tese de Herbert Clark (1996) de que o uso da língua é uma forma de ação conjunta, em que os participantes se engajam e coordenam suas ações para que a interação aconteça. Se todas as situações de uso da língua envolvem a coordenação de ação dos participantes, as situações de interpretação entre línguas diferentes não seriam uma exceção: os intérpretes de libras, como participantes das situações em que estão interpretando, precisam se engajar com os outros participantes da interação (normalmente surdos e ouvintes) para tornar possível a comunicação entre eles e, em alguns momentos, engajar-se entre si para que a boa qualidade do trabalho seja garantida. O engajamento dos intérpretes entre si e o trabalho conjunto levado a cabo por eles é o foco de interesse desta pesquisa.

Na situação analisada em questão, podemos observar características do cenário mediado de Clark, em que os intérpretes atuam de modo a intermediar a interação entre pessoas em uma dada situação social: no caso da análise aqui empreendida, entre uma pessoa com *status* de professor em uma determinada situação, com outras pessoas que possuem o *status* de alunos, dentre os quais, estão os alunos surdos. Usamos aqui a noção de *status* não tem a ver com prestígio, ou alta posição social, mas é uma noção aparentada à de pertencimento de membros a categorias usado em etnometodologia e análise da conversa. Como esclarece Enfield, “o status de uma pessoa é definido como uma coleção de direitos, deveres e disposições num determinado momento, em relação a outros membros de um grupo social” (ENFIELD, 2019, p.57). Considerar o *status* dos membros de uma situação, levamo-nos a análises de suas ações em termos da complexidade de suas ações em uma determinada situação. De acordo com Enfield, o *status* de uma

pessoa numa interação prediz e prevê o seu comportamento, que vai ter diferentes graus de efetividade e adequação dentro da escala temporal da interação.

Na situação analisada neste trabalho, a interação acontece de forma ainda mais complexa, pois envolve uma situação muito específica, na qual o professor interage com os alunos surdos por meio do intérprete, e vice-versa. Essa situação por si só é complexa. Neste trabalho, contudo, voltamos nosso olhar para uma parte dessa arquitetura interacional complexa, que é a interação entre os intérpretes de turno e de apoio, para verificar como a ação conjunta de interpretação empreendida entre eles contribui para a forma que o intérprete de turno constrói a interpretação. Levando em conta a noção de *status* apresentada, podemos depreender que os intérpretes de turno e de apoio também têm diferentes status, no sentido de que eles têm diferentes direitos, deveres e disposições na arquitetura interacional.

Além disso, a cena em que a interação aqui analisada acontece é bem peculiar, pois ela se dá em ambiente virtual, de forma síncrona, mudando o formato de interação face a face (nessa situação, é uma interação mediada por computador), fazendo com que a interação vá se afastando das características mais básicas de uma interação face a face, apresentada nos pressupostos teóricos. Apesar de haver contato visual por meio da chamada de vídeos, não é tão simples de identificar gestos corporais e faciais, importantes para a interação, quando comparados à conversa face a face.

Nesse sentido, a comunicação incorpora a ecologia de objetos (DAVITTI; PASQUANDREA, 2016) quando o computador (usado para ministrar a interação de aula entre professor/intérpretes/alunos) passa a fazer parte da interação, alterando e reorganizando o diálogo, fazendo com que o objeto passa a ser constitutivo da ação, podendo levar a interação a ser realizada de uma maneira completamente diferente comparado a uma aula presencial. Essa interação mediada pelo computador também organiza o quadro de participação de uma determinada maneira. Cada vez que o intérprete de turno utiliza o apoio sugerido pelo intérprete de apoio, concretiza-se a participação corporeada.

Nos dados analisados para a realização desta pesquisa, através do ELAN, começamos as análises identificando inicialmente todas as ocorrências em que o intérprete de apoio faz uma sugestão ao intérprete de turno. A partir disso, buscamos observar qual foi a reação do intérprete de turno em relação às sugestões de material feitas pelo intérprete de apoio e separamos essas reações

em três tipos, que denominamos: Materiais utilizados (MU); materiais parcialmente utilizados (MP); e materiais não utilizados (MN). Os MU dizem respeito àquelas ocorrências em que, depois de ser sugerida pelo intérprete de apoio foram incorporadas pelo intérprete de turno à sua sinalização, sem modificações (essas incorporações podem ser, como se verá adiante, de parte do que foi dito pelo intérprete de apoio, como um sinal ou uma dada expressão); os MP são aquelas ocorrências em que o intérprete de turno utiliza uma parte do que foi oferecido pelo intérprete de apoio, promovendo modificações no material recebido; finalmente, os MN são todas as materiais sugeridos pelo intérprete de apoio que não foram incorporados pelo intérprete de turno à sua sinalização. O gráfico a seguir ilustra a proporção de cada um dos três tipos nas ocorrências encontradas no corpus.

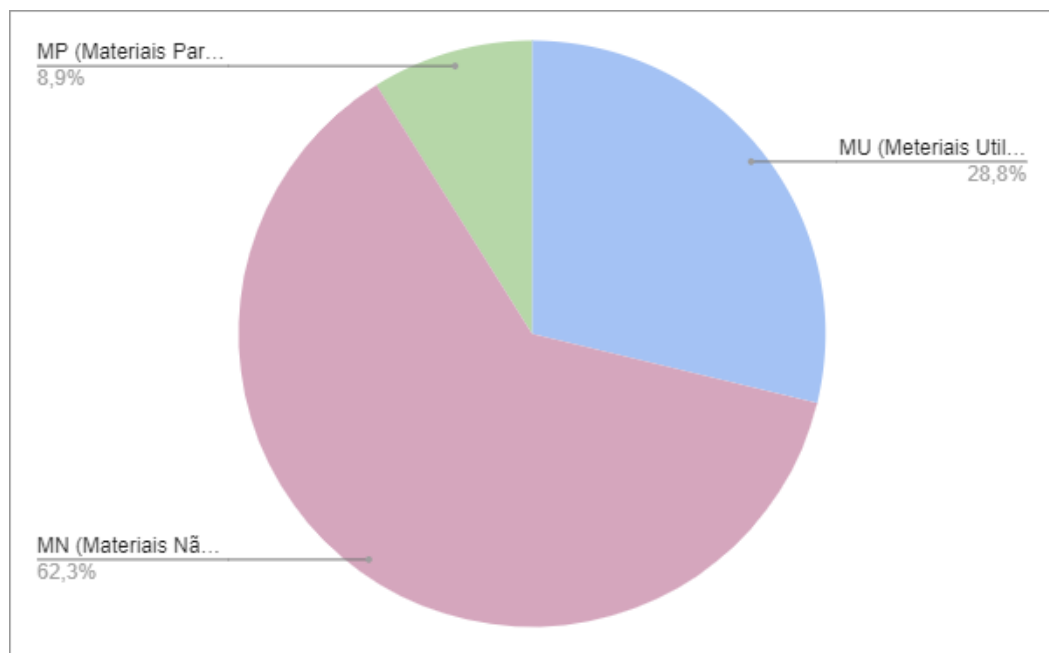


Figura 6 - Gráfico de quantidade de ocorrência dos tipos de sugestão de apoio mais frequentes.

Nos próximos subcapítulos, vamos apresentar as análises, assim como o embasamento teórico que a envolve, tratando individualmente de cada uma dessas formas de ocorrência de materiais de apoio oferecidos pelo intérprete de apoio: MUs, MPs e MNs, respectivamente. A seguir apresentaremos uma breve análise qualitativa de algumas das ocorrências encontradas no corpus que são de interesse para a discussão que vamos levantar aqui. Depois dessa apresentação, discutimos

de modo mais geral aspectos realizados ao trabalho conjunto e co-operativa desempenhado pelos intérpretes atuando juntos.

3.2 Análise qualitativa das ocorrências de sugestão do intérprete de apoio

3.2.1 Materiais utilizados (MU)

O gráfico acima mostra que em 28,8% dos casos o material sugerido pelo intérprete de apoio foi reutilizado pelo intérprete de turno. Apesar do número não parecer muito significativo, se o observarmos em relação à importância dessas ocorrências para a construção da ação do intérprete de turno que resulta na criação de um discurso em libras, podemos notar que sem eles, muitas informações poderiam ter sido perdidas, alterando completamente o rumo da interpretação simultânea. A seguir, faremos uma exposição de algumas das ocorrências de sugestões de materiais utilizados que encontramos no corpus. Como este é um trabalho descritivo de caráter empírico, vamos apresentar primeiramente aquilo que pudemos perceber nessas ocorrências, descrevendo o mais minuciosamente possível, para só depois empreender uma discussão a respeito do que foi explanado.

O primeiro aspecto que nos saltou aos olhos na observação de ocorrências foi o fato de que as sugestões do intérprete de apoio foram acatadas em todos os momentos em que o intérprete de turno olhou para o intérprete de apoio. Dito desta maneira, pode parecer uma obviedade, visto que o intérprete de turno só poderia aproveitar aquilo que ele viu o intérprete de apoio sugerir. Mas, esse não é o ponto. Como será explicitado mais adiante, na seção em que tratamos das sugestões de materiais não utilizados, não identificamos ocorrências em que o intérprete de turno olhou para o intérprete de apoio com um olhar persistente em um momento do discurso, mas não incorporou a sugestão dada. Essa observação nos leva a concluir que o olhar do intérprete não era meramente acidental, mas é uma busca ativa por sugestão que possa beneficiar a construção que ele está realizando.

A primeira ocorrência que destacamos aqui para descrever é aquela em que a fala do professor traz vocabulário específico, que parece não ser de conhecimento do intérprete de turno ou que ele não teve condições de acessar sozinho durante a complexa tarefa que estava realizando. Nesses casos, foi possível notar o olhar do

intérprete de turno voltado para o intérprete de apoio, que, ao notar o olhar do intérprete de turno, procurou lhe dar um sinal que pudesse garantir o prosseguimento de sua ação.

O primeiro caso de material produzido pelo intérprete de apoio reutilizado pelo intérprete de turno que descrevo aqui é aquele em que a professora da disciplina fala sobre a Universidade Federal do Paraná. Inicialmente, o intérprete de turno sinaliza separadamente os sinais UNIVERSIDADE, FEDERAL e PARANÁ. No momento em que o intérprete de turno realiza o sinal UNIVERSIDADE, o intérprete de apoio inicia a realização do sinal da referida universidade. Nesse momento, o intérprete de turno ainda não está olhando para ele e, portanto, não vê a sua realização. O sinal PARANÁ é feito com cinco movimentos repetidos (toque da palma da mão no topo da cabeça). Quando está no segundo movimento do sinal manual, o intérprete, sem mover a cabeça, só os olhos em direção à câmera em que está o intérprete de apoio, enquanto ainda realiza os movimentos do sinal PARANÁ. O intérprete de apoio, que já havia terminado de fazer o sinal da universidade, vendo o olhar do intérprete de turno direcionado para ele diz SINAL e, em seguida, realiza mais uma vez o sinal da UFPR. O intérprete de turno termina de realizar o sinal PARANÁ, e realiza o sinal sugerido pelo intérprete de apoio, ainda olhando para ele. Na metade da realização do sinal, o seu olhar se direciona novamente para a frente.

Nessa atividade aparentemente trivial que descrevemos aqui, há um fino ajuste temporal entre os intérpretes, que chamamos inicialmente de ação conjunta: ao perceber que o intérprete de turno não tinha à sua disposição ao sinal UFPR, o intérprete de apoio logo se prontifica a realizá-lo; o intérprete de turno, aparentemente buscando por seus próprios recursos, percebe que o sinal não está à sua disposição naquele momento e busca no ambiente, olhando para o intérprete de apoio. Vendo que o intérprete de turno olhou para ele enquanto ainda realizava o sinal anterior, o intérprete de apoio repete o sinal, que agora é visto pelo intérprete de turno e incorporado à sinalização. Nesse rápido momento de troca, o enquadre participativo se altera momentaneamente, a interação entre o intérprete e o aluno surdo deixa de estar em primeiro plano e passa a estar em segundo plano (por um espaço de tempo muito curto) uma interação entre o intérprete de turno e o intérprete de apoio na disponibilização do sinal necessário à continuidade da ação desenvolvida pelo intérprete de turno, isto é, a elaboração do discurso.

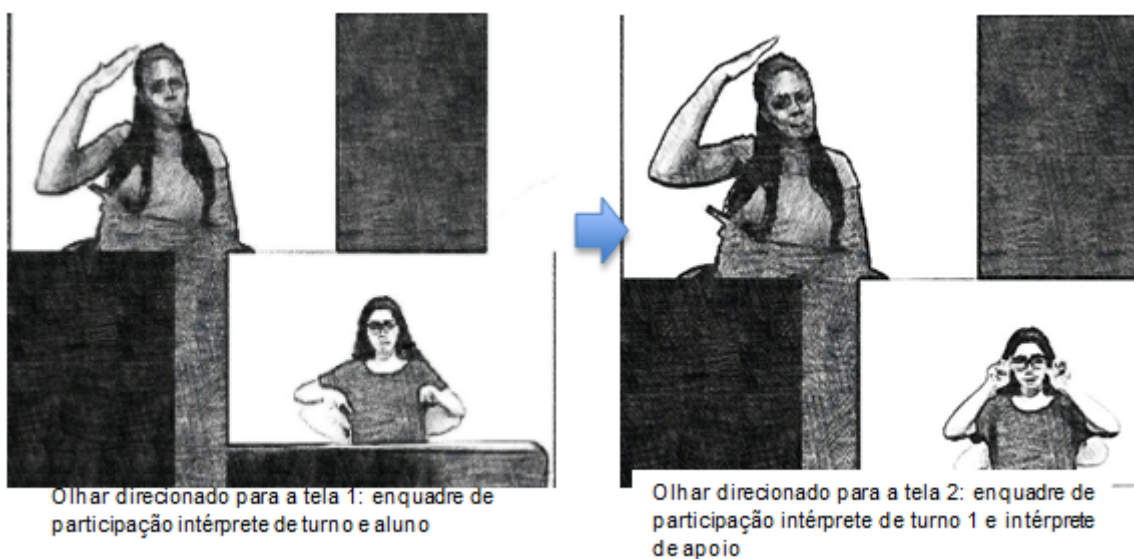


Figura 7 - MU de sinal para UFPR

Nesse sentido, entendemos que essa mudança momentânea do enquadre de participação promove aquilo que Davitti e Pasquandrea (2016) denominaram participação corporeada, de que falamos anteriormente: no momento em que o intérprete de turno olha para o intérprete de apoio, eles compartilham ‘atenção conjunta’ sobre o objeto em questão a fim de estabelecer *common ground*, isto é, o intérprete de apoio fazer conhecido um sinal que ele tem à disposição naquele momento e que o intérprete de turno pode lançar mão, se julgar conveniente. Como vimos, ele julga relevante, incorpora esse material à sua ação e a ação conjunta é bem sucedida naquele momento da aula, de modo que a ação do intérprete de turno continua sem perturbação.

Outra ocorrência de sugestão de apoio acatado é aquela envolvendo o sinal técnico para a palavra ‘glossário’. Nessa ocorrência, também se percebe fina coordenação de ações entre os intérpretes. O intérprete de turno começa esse trecho interpretando a fala da professora que diz em português “eu criei lá no glossário”. O intérprete de turno elabora o seu discurso usando as ações manuais eu (apontamento para o centro do peito), CRIAR, lá (apontamento para a sua esquerda) e a soletração da palavra em português G-L-O-S-S-A-R-I-O, usando o alfabeto manual. No exato momento em que o intérprete de turno começou a soletrar, o intérprete de apoio se prepara para realizar o sinal de glossário em libras.

Ele faz isso preparando o sinal e mantendo a mão parada na primeira suspensão dependente do sinal, como mostra a figura 8.



Figura 8 - Mão parada a espera do olhar do intérprete de turno (glossário)

O intérprete de turno começa a soletrar a palavra olhando para frente. Quando ele chega no primeiro S, ele olha para o intérprete de apoio. Apesar de já ter garantido o olhar do intérprete de turno para si, o intérprete de apoio ainda mantém a mão suspensa na configuração mostrada na foto até o momento em que o intérprete de turno termina de soletrar. No exato momento em que isso acontece, o intérprete de apoio realiza o golpe do sinal GLOSSÁRIO, e o intérprete de turno incorpora o sinal à sua interpretação, repetindo-o duas vezes, sendo que a última foi com o olhar direcionado para frente. Já sem ter o olhar do intérprete de apoio direcionado para si, o intérprete de turno repete o sinal que acabara de realizar.



Figura 9 - Realização do sinal após o olhar do intérprete de turno (glossário)

O terceiro caso que irei descrever é aquele em que os intérpretes constroem juntos a interpretação fazendo uso daquilo que parte da literatura chama de

classificadores. No trecho da conversa em questão, a professora explica como deve ser a formatação do trabalho no software *Word*. Ela diz que a fonte é Arial 12 e, em seguida, fala sobre as margens que o arquivo de texto precisa ter de acordo com as normas ABNT. Para dizer em libras ‘margens’ o intérprete de turno usa primeiramente uma ação da mão em que desenha no ar o formato da página, com as mãos abertas na vertical e, em seguida, na horizontal, como pode ser observado na figura 10.



Figura 10 - Sugestão de sinal referente à “margens”

No momento em que o intérprete de turno, acima, começa a segunda parte da ação que está usando para construir o conceito de ‘margem’, o intérprete de apoio, abaixo, inicia uma sugestão. Quando ele termina a sugestão, o intérprete de turno começa a se preparar para realizar a sugestão; e o intérprete de apoio também começa a preparação para realizar novamente a ação. No exato momento em que os dois estão com as mãos posicionadas na suspensão inicial da ação manual, eles realizam juntos, sincronizadamente, a ação que o intérprete de turno havia sugerido. A figura 11 mostra o momento inicial da ação, em que o intérprete de turno vai incorporar a sugestão do intérprete de apoio e repetir a ação anteriormente realizada. Os dois realizam a ação juntos, sincronicamente.

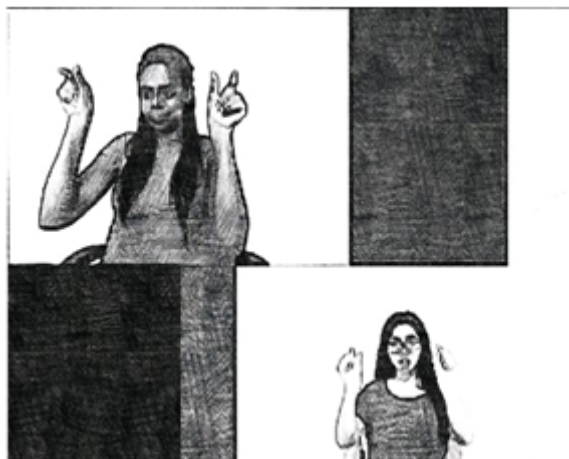


Figura 11 - Sinalização sincrônica (margens)

Julgamos que essas descrições são suficientes para ilustrar o argumento que estamos desenvolvendo desde o início do relatório: a interpretação é um tipo de ação conjunta que, como na execução de um dueto, exige a fina coordenação de ações das pessoas que participam da interação. Essa coordenação envolve um ajuste temporal fino entre os interactantes, além de coordenação de movimentos corporais, de gerenciamento mútuo da atenção, de modo a ser possível estabelecer o terreno comum (*common ground*) necessário ao desempenho das ações sem perturbações que atravancam o seu percurso. Naturalmente, esses exemplos podem ser entendidos como ocorrências de ação co-operativa (Goodwin 2018) em que os materiais criados pela ação de um intérprete se tornam disponíveis, em ambiente público para ser incorporado pelo intérprete de turno à sua sinalização. Nos exemplos que vamos apresentar na próxima seção isso fica ainda mais evidente, como se verá. Falaremos a seguir daquelas sugestões de materiais de apoio que foram parcialmente utilizadas e, em alguns casos, utilizadas com transformações.

3.2.2 Materiais parcialmente utilizados (MP)

Somando no corpus a minoria dos casos (8,9%), os materiais parcialmente utilizados estão sendo entendidos como aqueles casos em que o intérprete de turno reutiliza o material disponibilizado pela ação do intérprete de apoio promovendo neles transformações para criar uma nova ação, diferente, de algum modo daquela que havia sido realizada pelo intérprete de apoio. Assim como nos exemplos

anteriores, os casos a seguir são exemplos de ação conjunta e de ação co-operativa. Nos casos, que vamos apresentar agora, contudo, trata-se de reuso com transformações sobre os materiais criados pela ação do outro.

Para notarmos mais claramente como essa teoria se aplica na interação entre intérprete de apoio e intérprete de turno, vamos descrever dois casos de ocorrências que observamos no material que foi coletado para esta análise.

A primeira ocorrência que vamos descrever é aquela que inicia a partir da frase utilizada pela professora “precisa seguir fielmente o cronograma”. Para interpretar este trecho, o intérprete de turno usa os sinais que vamos glosar como PRECISAR ETAPA OBEDECER ^[etapa] CRONOGRAMA e por fim um apontamento (para a mão que está representando a página em que se encontra impresso o cronograma). A Figura 12 ilustra a realização desses sinais pelo intérprete de turno.

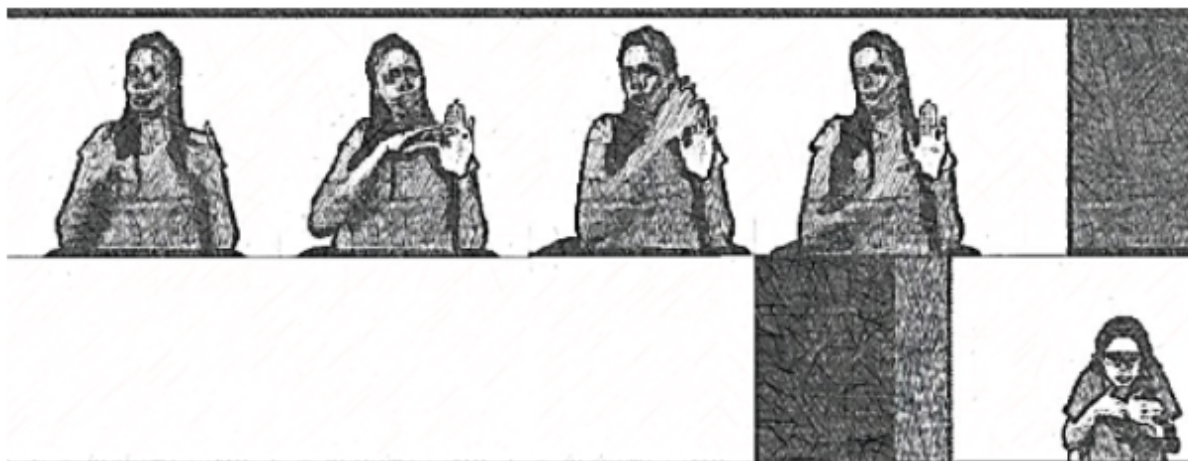


Figura 12 - sugestão de “fiel” (muita intensidade)

No momento em que o intérprete de turno começa a realizar o sinal ETAPA, o intérprete de apoio começa a realização do sinal que usa para significar ‘seguir fielmente’. O intérprete de turno não está olhando para ele ainda. Na última ação dessa sequência, em que ele aponta para a mão que representa cronograma, ele olha para o intérprete de apoio e o vê realizando o sinal FIEL (para significar seguir fielmente). Na sugestão do intérprete de apoio ele reforça “seguir fielmente” com a expressão facial bem marcada e um sinal mais demorado para reforçar a ideia da frase. Além disso, ele tem o corpo curvado e os ombros erguidos enquanto realiza o sinal. O intérprete de turno vê essa sugestão e começa uma frase diferente. Ele diz em libras algo que poderia ser traduzido como “por que é necessário seguir

fielmente o cronograma?”. Para dizer isso em libras, ele reutiliza o sinal FIEL usado pelo intérprete de apoio, mas promove nele transformações: decompondo a expressão facial e corporal do intérprete de turno, ele retira desse conjunto gestual somente aquela parte que é relevante para a sua produção: ao reutilizar a sugestão do intérprete de apoio, o intérprete de turno que já havia sinalizado a frase de outra forma, optou por usar o sinal sugerido com menos ênfase e mais rapidamente na construção do seguinte enunciado:



Figura 13 - utilização de “fiel” escolhida pelo intérprete de turno (pouca intensidade)

Nesse enunciado são feitos vários reusos, com mais ou menos alterações. O intérprete inicia o enunciado com o sinal POR-QUE. Em seguida reusa um sinal que havia usado anteriormente, que glosei como OBEDECER [etapa]. É interessante observar que esse sinal havia sido usado movendo a mão da região da testa até a mão esquerda porque a mão esquerda estava representando a folha na qual o cronograma estava impresso. Ao reusar esse sinal aqui, ele realiza exatamente como tinha feito anteriormente, de modo que reutiliza toda a expressão e não apenas um sinal. O sinal seguinte também é um reuso, desta vez, daquilo que o intérprete de apoio havia sugerido anteriormente, o sinal FIEL para significar “seguir fielmente”. Nesse caso, o sinal não é usado exatamente como o intérprete de apoio o utilizou (com o corpo inclinado, ombros levantados, expressão facial carregada): o intérprete seleciona desse conjunto de ações corporais somente aquelas que são relevantes para a sua ação, isto é, o sinal manual e um expressão facial menos carregada do que a do intérprete de turno. Por fim, ele reusa o sinal POR-QUE que havia usado inicialmente, e cria uma espécie de pergunta retórica.

A ocorrência que vamos descrever agora é um pouco diferente. Trata-se do emprego de um termo técnico: encontro síncrono. Esse termo se refere à modalidade de aula ENPE, em que o professor se encontra com os alunos em tempo real por meio de plataformas digitais como o Google Meet, por exemplo.

Nesse tipo de ensino, que foi praticado pelas escolas e universidades do país em decorrência do isolamento social promovido por causa da pandemia do Covid-19 que tomou praticamente todos os países do mundo no ano de 2020, há duas modalidades normalmente empregadas: a de atividades síncronas, já explicada, e a de atividades assíncronas, em que o professor prepara atividades que deverão ser desenvolvidas pelos alunos sem a presença do professor. Esse é o contexto que estava em questão no uso desses sinais.

Nesse trecho da aula, a professora estava explicando como seriam as atividades. Ela diz que os alunos teriam encontros síncronos. O intérprete de turno inicialmente faz o sinal ENCONTRAR ao mesmo em que realiza ações bucais que se assemelham com a articulação bucal da palavra 'encontro', em português. Em seguida, com as mãos ainda paradas na suspensão final do sinal ENCONTRAR, ela abaixa o dedo indicador da mão esquerda, que estava distendido, enquanto realiza ações bucais que se assemelham à articulação bucal de 'síncrono', em português.

Nesse momento, como pode ser observado na figura 14, o intérprete de turno direciona o olhar ao intérprete de apoio, procurando confirmação de que o sinal que estava realizando estava correto, e nota que o sinal que o intérprete de apoio está sugerindo o sinal é realizado com ambas as mãos com o dedo indicador distendido e os demais dedos abaixados, palma a palma, com os dedos se tocando. O intérprete de turno, então, se corrige, incorporando a sugestão do intérprete de apoio: ele levanta o dedo indicador da mão direita, que inicialmente estava abaixado e muda levemente a orientação de ambas as mãos, colocando-as, palma a palma. Enquanto faz isso, ele abre bem os olhos, articula bucalmente 'síncrono' por duas vezes enquanto repete o movimento de contato das mãos por seis vezes, em movimentos curtos e rápidos. Em seguida, ela soletra manualmente a palavra 'síncrono'. O intérprete de apoio acena com a cabeça confirmando, ao final da soletração.

O último trecho que vamos descrever é aquele em que a professora está explicando as atividades e diz que o semestre será 'minúsculo' nesse formato virtual. Para interpretar isso, o intérprete de turno emprega os seguintes sinais apresentados na figura 14:



Figura 14 - Sugestão do sinal de “síncrono”, reusada com mudanças pelo intérprete de turno

Para construir esse trecho, a intérprete de turno conceitualiza o tempo em termos de espaço (LAKOFF, JOHNSON, 1980) e, empregando uma ação manual em que a mão se move para frente para expressar a passagem do tempo em direção ao futuro, ela imagina uma linha do tempo que em um plano sagital. Quando ele usa a ação manual apresentada na segunda figura, o intérprete de apoio sugere a expressão SEMESTRE ABREVIAR. Na realização do sinal ABREVIAR, o intérprete de apoio realiza o sinal com as mãos, palma a palma, viradas para a direita e para a esquerda. O intérprete de turno vê o intérprete de apoio realizando esse sinal e o incorpora com modificações, adequando-o à elaboração de tempo sagital que estava construindo: ele reusa o sinal ABREVIAR modificando a orientação da palma. Ele vira as mãos, de modo que a palma da mão direita esteja virada para frente e a palma da mão esquerda virada para trás. Esse sinal, elaborado dessa forma, incorpora elementos da linha do tempo em formato sagital.

3.2.3 Materiais não utilizados (MN)

Dos casos analisados, sem dúvidas o que foi mais recorrente foram as sugestões dadas pelo intérprete de apoio que não foram utilizadas. Elas correspondem a 62,3% dos casos identificados no corpus. Ao analisar esses casos, pudemos observar algumas características comuns que podem justificar a não utilização dessas sugestões de apoio.

Como explicitado em seção anterior sobre as sugestões de apoios utilizadas, a direção do olhar representa uma parte muito importante da comunicação entre os

participantes de uma interação. Com isso não queremos dizer que o olhar do intérprete de turno para o intérprete de apoio, por si só, seja um elemento necessário para que o material criado pela ação do intérprete de apoio seja incorporada à ação do intérprete de turno: o que acontece nos casos em que o material foi incorporado é que os intérpretes encontraram meios de alcançar o gerenciamento mútuo da atenção a fim de trabalharem juntos localmente e estabelecer o terreno comum (common ground) necessário ao desenvolvimento da atividade. Como dizem Davitti e Pasquandrea (2016), a participação corporeada não é uma condição dada a priori, mas é uma conquista (achievement) que os intérpretes alcançam através de um trabalho interacional que costuma passar despercebido. Nos casos dos materiais não utilizados, pudemos notar que, apesar de o intérprete de turno direcionar o olhar para o intérprete de apoio, esses direcionamentos do olhar não resultam em uma busca de gerenciamento mútuo da interação e, portanto, a interação entre os intérpretes - como aquelas que descrevemos nas duas últimas seções - não acontece. A falta desse elemento e a falta de procura de apoio através do olhar pelo intérprete de turno, acaba fazendo com que muitas vezes a sugestão acabe passando despercebida.

Para ilustrar, descrevo umas das ocorrências desse tipo. Ela acontece em um momento em que a professora estava dizendo aos alunos que, por ter dado aula aos alunos em outros dias daquela semana em outra disciplina, ela estava se esquecendo que era a primeira aula daquela disciplina, apesar de já ter visto os alunos em outras disciplinas. A intérprete de turno interpreta isso usando os sinais ilustrados na figura 15.

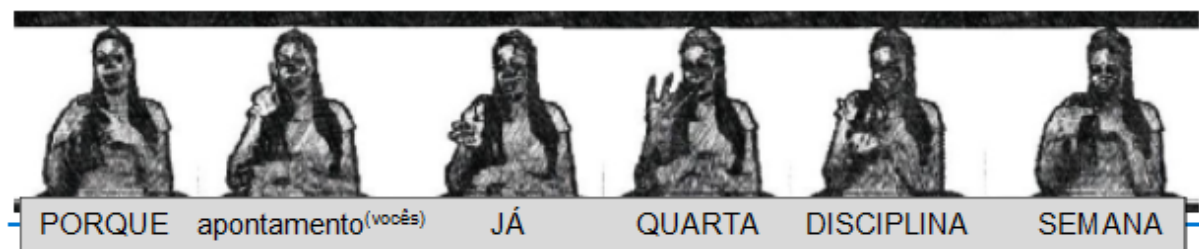


Figura 15 - construção do intérprete de turno

Quando o intérprete de turno começa a realizar o sinal SEMANA, a intérprete de apoio realiza outra construção equivalente, em que organiza o conceito de 'quarta disciplina' espacialmente: ela realiza o sinal DISCIPLINA duas vezes, em

duas regiões diferentes do espaço de sinalização, como se estivesse construindo, a partir da localização dos sinais uma linha do tempo no plano coronal e depois realiza um apontamento para a região ao final da linha imaginária e sinaliza QUARTA. A figura a seguir ilustra esse enunciado.

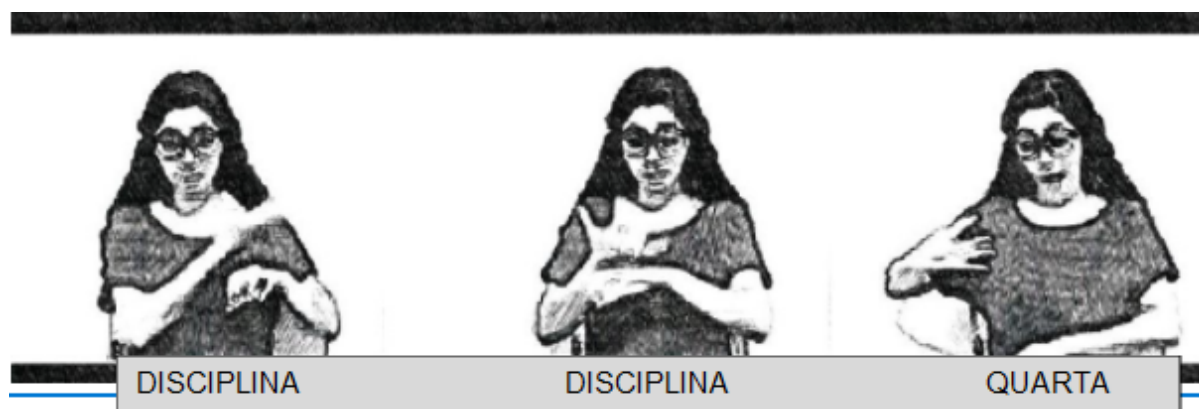


Figura 16 - Sugestão do apoio para a mesma frase (não incorporado pelo intérprete de turno)

O intérprete de turno, apesar de direcionar o olhar para a tela em que o intérprete de apoio estava projetado, ele não se atém ao que ele está sugerindo e emenda o seu enunciado anterior com um novo, que não tem relação com o que o intérprete de apoio estava sugerindo. Em outros casos como este, o intérprete de turno olha para o intérprete de apoio somente quando ele já tinha dado a sugestão. Nesse sentido, outra observação a respeito das sugestões dadas pelo intérprete de apoio e que não foram incorporadas diz respeito ao alinhamento temporal entre o olhar do intérprete de turno e o momento em que o intérprete de apoio faz alguma sugestão. Nessas situações, observa-se que o material fornecido pelo intérprete de apoio não poderia ser utilizado, pois ele não estava disponível a tempo de ser incorporado. Observa-se também que às vezes a sugestão é feita ao mesmo tempo em que o intérprete de turno está sinalizando. Dentre os casos de materiais não utilizados observados no material analisado, 46,2% deles foram devido à temporalidade dos sinais, isto é, ao fato de os sinais terem sido realizados depois que o intérprete de turno já havia construído sua ação de uma determinada maneira. Isso não sugere, necessariamente, que o intérprete de apoio estava “atrasado” em sua sugestão: isso nos parece, antes, parte do trabalho conjunto de confirmar que aquele sinal que o intérprete de turno está realizando é uma boa escolha lexical. Seria nesse sentido, um tipo de apoio diferente: ele não fornece materiais para ser

incorporados ao enunciado do outro, mas serve como avaliador do seu trabalho, dando-lhe *feedback* positivo para continuar a tarefa.

Mas nem sempre essas sugestões não são utilizadas apenas porque o intérprete de turno não viu necessidade em incorporá-las, ou pela perda do timing certo do apoio. Em alguns momentos, pode-se observar a realização do sinal pelo intérprete de apoio como uma repetição intencional para reforçar a escolha do intérprete de turno, ou seja, confirmando a escolha do intérprete de turno em vez de efetivamente sugerindo uma mudança.

Também houve casos em que o intérprete de apoio possivelmente optou por fazer a sugestão mesmo com a possibilidade de ela não ser incorporada, mas para fins de mostrarem uma possibilidade diferente para o apoio, principalmente em casos em que o uso de classificadores era necessário.

3.3 *Discussão*

As sugestões dadas pelo intérprete de apoio podem ser incorporadas à ação do intérprete de turno. Nesse sentido, é preciso ter em mente que o intérprete de turno e o intérprete de apoio têm diferentes status na interação, o que leva a prever diferentes direitos, deveres e responsabilidades. Enquanto o intérprete de turno, dado o seu status, conta com a responsabilidade de criar um tipo de ação que remeta, iconicamente, aos conteúdos de que trata o discurso original, ao intérprete de apoio, cabe auxiliar o intérprete de turno para que as possíveis perturbações encontradas no transcorrer da atividade sejam solucionadas conjuntamente e o intérprete de turno possa seguir adiante na elaboração de ações que compõem o seu discurso.

Nas análises apresentadas nas seções anteriores, procuramos explicitar o trabalho conjunto desempenhado pelos intérpretes para que os materiais elaborados pela ação do intérprete de apoio pudessem ser incorporados às ações do intérprete de turno, em desenvolvimento. Nesse processo, discutimos a importância da direção do olhar como elemento interacional para o gerenciamento mútuo da atenção. A atenção conjunta parece ser elemento necessário à solução de uma determinada perturbação que se manifeste no desenvolvimento das ações do intérprete de turno. Parece ser a partir dela que se forma a base necessária para que a ação co-operativa seja desenvolvida.

Nos casos apresentados, podemos perceber que as sugestões de apoio que foram incorporadas tiveram a ver com os momentos em que houve um fino ajuste entre as ações de intérprete de turno e de apoio: por um lado, o intérprete de turno lança um olhar em direção ao intérprete de apoio, que, por sua vez, já está pronto para fornecer a ajuda necessária; isso nos leva a perceber que, em alguns momentos, o intérprete de apoio consegue prever a possível necessidade de apoio por parte do intérprete de turno, o que o leva a se preparar para isso. Em outros casos, a ajuda é parcialmente incorporada, porque o intérprete de turno, ao incorporar o apoio, leva em conta o que já estava construído, e, por isso, promove modificações nos materiais fornecidos pelo intérprete de apoio. Finalmente, nos casos em que as sugestões de apoio não são incorporadas, vimos que não houve um alinhamento das ações para que isso acontecesse, por várias razões: o olhar do intérprete de turno é direcionado para o intérprete de apoio depois que ele já realizou um determinado sinal e que não é mais relevante repeti-lo ou o olhar é dirigido ao intérprete de apoio enquanto ele realiza alguma coisa, mas se percebe que o intérprete de turno não se engaja em uma interação com o intérprete de apoio a ponto de incorporar o que ele sugere.

Essas análises confirmam a relevância de tratar as atividades de interpretação envolvendo dois intérpretes como formas de ação conjunta. A partir dessa perspectiva podemos revisitar as assunções que normalmente se tem sobre o status dos intérpretes nas interações de que participam e de como a sua participação numa situação altera a arquitetura da interação. Analisamos, nos termos de Davitti e Pasquandrea (2016), o que eles chamam de participação corporeada e pudemos notar que a participação do intérprete de turno não é dada a priori, mas é alcançada por um fino ajuste local que os intérpretes empreendem quando trabalham juntos. Quando interagem para empreender uma ação co-operativa, os intérpretes mudam o enquadre de participação, de modo que a interação entre o intérprete de turno e o aluno surdo se torna momentaneamente secundária e fica em primeiro plano a interação entre os intérpretes.

Essa forma de olhar para interação envolve uma dinamicidade que não é abarcada por outros modelos semióticos, calcados em um signo estático, que tenha por princípio um significado que lhe é interno, encapsulado.

3.4 Conclusões

Este é um trabalho descritivo das ações desempenhadas entre intérprete de turno e o intérprete de apoio numa situação em que atuam conjuntamente. Seguindo os passos metodológicos dos trabalhos que tomamos como base nessa pesquisa, descrevemos minuciosamente como se dá essa atuação conjunta. Buscamos demonstrar que com uma metodologia que olha para a interação levando em conta apenas os processos mentais envolvidos nela, descorporeadamente, não é suficiente para observar de fato a complexidade da interação, especialmente no que ocorre entre os intérpretes de turno e apoio no exercício de suas funções. Essa visão da interação acaba impedindo que consigamos olhar para o trabalho local que é realizado pelos participantes de uma interação. Ao apropriarmos a noção de língua como ação corporeada, situada e multimodal, é possível olhar de forma mais ampla e enriquecedora para a interação, pois é indispensável que observemos a influência da gestualidade, do corpo e do olhar na construção destas.

Esta pesquisa buscou verificar como os recursos utilizados pelos intérpretes de libras durante uma situação de interpretação, podem ser utilizados como semióticos e contribuir com a qualidade da interação. As noções de ação co-operativa e de participação corporeada são importantes para descrever as ações dos intérpretes. Como exemplo disso, pudemos observar principalmente a influência do olhar do intérprete e da temporalidade para verificar em que medida se dá o sucesso desse trabalho conjunto.

Uma das contribuições desta pesquisa é o de, assumindo uma mudança epistemológica no entendimento de língua como ação situada, corporeada e localmente construída, apontar para a necessidade de analisar mais profundamente de que maneira os papéis assumidos pelos intérpretes e entre eles tem uma influência enorme na qualidade e boa continuação da interação. As análises apresentadas, evidenciam as vantagens e ganhos de se assumir uma teoria empírica, pois esta possibilita que possamos observar mais claramente quais as características corpóreas que as pessoas, enquanto interagindo entre elas, acrescentam para a interação e para sua análise, sem precisar lançar mão sem precisar recorrer a estados de mentes que são inacessíveis aos pesquisadores. Naturalmente, sendo parte de um trabalho de conclusão de curso, as análises aqui apresentadas carecem de mais detalhamentos que não foram possíveis de ser realizados por uma questão de tempo. Pesquisas futuras poderão se debruçar sobre

tais minúcias, investigando outros recursos semióticos não descritos nesta pesquisa que podem participar das interações entre intérpretes atuando juntos.

Referências Bibliográficas

BRÜCK, P. **Austrian Perspectives of Team Interpreting: The Views of Deaf University Students and their Sign Language Interpreters.** University of Applied Sciences Magdeburg-Stendal. 2011.

CLARK, H. H. **Using Language.** Cambridge University Press, 1996.

COKELY, D.; HAWKINS, J. **Interpreting in teams: A pilot study on requesting and offering support.** Journal of Interpretation. 2013. p. 49-93.

DAVITTI, E.; PASQUANDREA, S. **Embodied participation: What multimodal analysis can tell us about interpreter-mediated encounters in pedagogical settings.** 2016.

DEAN, R. K.; POLLARD, JR, R. Q. **Context-Based Ethical Reasoning in Interpreting: a Demand Control Schema Perspective.** The Interpreter and translator trainer, 2011.

ENFIELD, N. **Relationship thinking: Agency, enchrony, and human sociality.** New York: Oxford University Press, 2013.

GOFFMAN, E. Replies and responses. *Language in Society*, 5, 257-313, 1976.

_____. **Forms of talk.** University of Pennsylvania Press, Philadelphia, 1981.
Forms of talk. University of Pennsylvania Press, Philadelphia, 1981.

GOODWIN, C. **Co-Operative Action.** Cambridge University Press, 2018.

HOZA, J. **Team Interpreting.** Alexandria: Rid Press, 2010. 214 p.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metaphors We Live By.** Chicago: University of Chicago Press, 1980.

MCCLEARY, L; VIOTTI, E. **Novos Caminhos da Linguística.** São Paulo: Editora Contexto, 2017.

NOGUEIRA, T. C. **Intérpretes de libras-português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine.** Florianópolis, 2006.

RABADAN-GOMES, M. **Professionalisation and Standardisation of Public Service Interpreting.** In: MUNYANGEYO, T.; WEBB, G.; RABADAN-GOMES, M. (eds.) *Challenges and Opportunities in Public Service Interpreting.* London: Palgrave Macmillan, 2016.

RID (Registry of Interpreters for the Deaf) **standard practice paper: Team interpreting.** 2007. Disponível em: <[Standard Practice Papers | Registry of Interpreters for the Deaf \(rid.org\)](http://Standard Practice Papers | Registry of Interpreters for the Deaf (rid.org))>. Acesso em: Dezembro 2019.

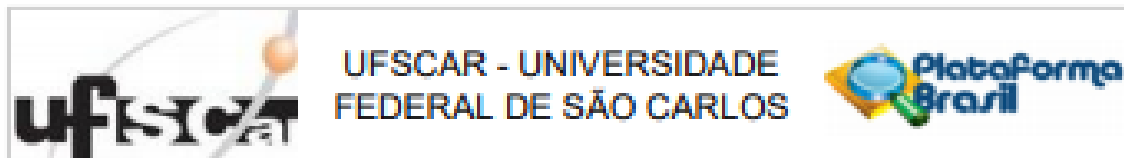
RUSSELL, D. **Team Interpreting: Best Practices.** AVLIC, 2011. Disponível em: <[Microsoft Word - 2011-07 Team Interpreting Best Practices Article by Debra Russell.docx \(avlic.ca\)](http://Microsoft Word - 2011-07 Team Interpreting Best Practices Article by Debra Russell.docx (avlic.ca))> Acesso em: Dezembro 2019.

SANTIAGO, V. A. A. **Esfera de Conferências: o olhar para o intérprete de apoio no interpretação de língua brasileira de sinais para português.** São Paulo, UNICSul, 2017.

WADENSJÖ, C. **Interpreting as Interaction: On dialogue-interpreting in immigration hearings and medical encounters.** Lindköping University, 1992.

WADENSJÖ, C. **Dialogue Interpreting and the Distribution of responsibility.** Lindköping University, 1995.

Anexo - Parecer consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A interpretação de línguas de sinais como atividade conjunta: analisando a interação intérprete de turno/ intérprete de apoio

Pesquisador: João Paulo da Silva

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 23485119.9.0000.5504

Instituição Proponente: Departamento de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.775.683

Apresentação do Projeto:

É comum que, em muitas situações de interpretação entre libras e português, os intérpretes não atuem sozinhos. Por várias razões, dentre as quais a carga cognitiva demandada por muitas situações de interpretação, normalmente eles trabalham em parceria com outros intérpretes. Nessas situações, enquanto um intérprete assume o turno (nomeado como 'intérprete do turno'), o outro intérprete serve a esse como apoio, de diferentes maneiras (nomeado como 'intérprete de apoio'). O objetivo deste projeto é analisar e descrever a interação entre o 'intérprete do turno' e o 'intérprete de apoio' em situação de interpretação linguística envolvendo libras e português. Para tanto, este projeto parte da tese de Hebert Clark (1996) de que o uso da língua é uma forma de ação conjunta, em que os participantes se engajam e coordenam suas ações para que a interação aconteça. Se todas as situações de uso da língua envolvem a coordenação de ação dos participantes (desde as conversas informais entre amigos até aquelas que envolvem situações mais complexas, como as interações institucionais), as situações de interpretação entre línguas diferentes não seriam uma exceção: os intérpretes de libras, como participantes das situações em que estão interpretando, precisam se engajar com os outros participantes da interação (normalmente surdos e ouvintes) para tornar comunicação possível entre eles e engajar-se entre si para que a boa qualidade do trabalho seja garantida. O engajamento dos intérpretes entre si e o trabalho conjunto levado a cabo por eles é o foco de interesse deste trabalho. As análises realizadas neste trabalho serão transcritas no software ELAN, que foi criado para análise de dados.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SÃO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cep@ufscar.br

